

## AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS E A IMPORTÂNCIA DO PROFISSIONAL FARMACÊUTICO NA ORIENTAÇÃO

Rafaela Maciel Pereira<sup>1</sup>  
Samara Jorge de Araújo<sup>2</sup>  
Thaina Eugênio B. de Sousa<sup>3</sup>  
José Emanuel Guimarães Candeia<sup>4</sup>  
Rosalina Coelho Jácome<sup>5</sup>

### RESUMO

A automedicação é um dos problemas relacionados a medicamentos que vem se tornando mais comum a cada dia, o uso irracional de medicamentos acarreta diversos problemas que podem ser reduzidos ou eliminados com a automedicação racional. A população idosa é a mais susceptível a cometer a automedicação, pois dependem de diversos medicamentos e a importância do profissional farmacêutico é indiscutível. Foi feita uma revisão da literatura adotando como descritores “automedicação” e “idosos” em inglês e português com restrição de período nas bases de dados, Pubmed, Biblioteca Virtual de Saúde, Scientific Electronic Library Online – SCIELO, Medline e portal de periódicos da CAPES. Esse estudo teve como finalidade analisar e coletar dados sobre o uso irracional de medicamentos em idosos pois esses fazem o uso de diversos medicamentos devido a seus vários problemas de saúde, desenvolvendo assim um hábito e uma dependência que não trás benefício para o mesmo. O papel do farmacêutico é de suma importância pois com o seu conhecimento profissional pode orientar o paciente da melhor maneira possível.

**Palavras-chave:** Automedicação; Farmacêutico; Idoso; Orientação.

<sup>1</sup> Graduando do Curso de farmácia da Uninassau - FMN, [rafaella--pereira@hotmail.com](mailto:rafaella--pereira@hotmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de farmácia da Uninassau - FMN [samaramkaraujo@gmail.com](mailto:samaramkaraujo@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de farmácia da Uninassau - FMN, [ebs.thaina@hotmail.com](mailto:ebs.thaina@hotmail.com);

<sup>4</sup> Graduando do Curso de farmácia da Uninassau - FMN, [emanuelcandeia23@gmail.com](mailto:emanuelcandeia23@gmail.com);

<sup>5</sup> Professor orientador: doutora, Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [rosalina\\_coelho@hotmail.com](mailto:rosalina_coelho@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento populacional está associado com o aumento das doenças crônicas degenerativas, sendo maior o número de medicamentos utilizados e consequentemente o aumento na demanda dos serviços de saúde. Este progresso contribui para o crescimento no tempo de tratamento com medicamentos e no uso de medicamentos prescritos e não prescritos (DOMINGUES et al, 2017).

A população de idosos brasileiros vem crescendo muito como consequência do aumento da expectativa de vida, e o envelhecimento é uma fase complexa que abrange muitas perspectivas, como perda de funções, diminuição da autonomia e maior morbidade e, com base nisso, o medicamento é importante na recuperação da saúde dos idosos (MELO et al, 2017).

Oliveira et al. (2018) mostra que os idosos podem apresentar comprometimento de mais de um órgão ou sistema, o que os faz precisar de acompanhamento médico constante e à polifarmacoterapia. Desta prática, podem decorrer interações não desejadas, o não cumprimento das prescrições dos medicamentos na farmacoterapia e gastos demasiados com os de uso desnecessário. O grupo dos idosos são os mais expostos ao uso de mais de um medicamento na sociedade chegando a média de dois a cinco medicamentos utilizados por estes indivíduos.

Com o aumento da população idosa há uma necessidade maior de profissionais de saúde, pois o envelhecimento acomete órgãos e tecidos, aumentando a evidência de doenças crônicas (hipertensão arterial sistêmica, doenças osteoarticulares e diabetes mellitus, por exemplo), o qual é necessário o acompanhamento, exames e farmacoterapia de uso contínuo, e nesse contexto, as causas das doenças e mortes dos idosos pode estar relacionadas à quantidade de medicamentos que os mesmos utilizam nesta fase da vida, sem orientação do profissional habilitado (MOUTINHO, AZEVEDO, BELFORT, 2014).

Schmid, Bernal e Silva (2010) ainda ressaltam que a automedicação racional pode reduzir os gastos para o indivíduo e para o sistema de saúde, evitando a superlotação nos serviços ofertados, enquanto isso, a automedicação irresponsável aumenta o risco de efeitos colaterais e de mascaramento de doenças, o que pode afetar o diagnóstico correto.

Não existe um conceito definido, mas, a automedicação pode ser conceituada como a prática de seleção e utilização de medicamentos isentos de prescrição, reutilização de medicamentos anteriormente prescritos sem orientação de um profissional habilitado e uso de

medicamentos que exigem prescrição médica para tratar sintomas ou doenças autorreconhecidas. (DOMINGUES et al, 2017).

Domingues et al. (2015) relata que no Brasil, a automedicação é uma prática muito comum. Para os autores, o fato dos brasileiros estarem envelhecendo mais, faz com que recorram a formas para evitar os riscos a sua saúde e, assim, possam ter uma maior qualidade e tempo de vida e o uso de medicamentos é visto como um desses meios (SANTOS, 2018).

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma revisão bibliográfica relacionada à automedicação em idosos, seus principais fatores e a importância do profissional farmacêutico na orientação. A pesquisa foi baseada em uma revisão de literatura, a qual se utilizou de pesquisas acadêmicas e científicas sendo selecionadas de acordo com a relevância para embasamento do trabalho. Utilizou-se de plataformas para a pesquisa, tais como: Pubmed, Biblioteca Virtual de Saúde, Scientific Electronic Library Online – SCIELO, Medline e portal de periódicos da CAPES, com fundamentos específicos em automedicação referente a idosos e à assistência farmacêutica, sendo assim, foram adotados como critérios de exclusão, referências publicadas antes de 2007, e que não fossem importantes e relevantes ao tema. Assim, foram selecionadas vinte referências contendo em artigos, livros, revistas, teses e dissertações para a qualidade da revisão literária.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **Automedicação**

A automedicação caracteriza-se como a utilização de um medicamento sem a orientação de um profissional qualificado, que obtém algum fármaco a fim de sanar certo tipo de doença ou sintoma. Verifica-se que essa prática é bastante comum entre pessoas leigas (ARRAIS et al, 2016).

A prática da automedicação pode ser decorrente por inúmeros fatores socioeconômicos, propagandas sobre medicamentos e a facilidade de acesso aos medicamentos considerados de venda livre, tornando assim, mais acessível a essa prática (LIMA et al, 2018; CARVALHO C., CARVALHO A., PORTELA, 2018).

## **Automedicação em idosos**

No estudo de Garcia et al. (2018) teve como principal objetivo avaliar a automedicação praticada pelos idosos, que não procuraram ajuda de um profissional da saúde qualificado para ter a orientação correta a cerca do medicamento e que de alguma forma colocou em risco sua saúde, pelo fato de ter ingerido medicamentos por conta própria.

Os idosos são os que mais utilizam medicamentos simultaneamente, por conta das diversas doenças que adquirem ao longo da vida. Esses medicamentos são usados de forma simultânea por conta dos inúmeros medicamentos que o idoso precisa tomar, e é aí que o problema se encontra, porque na maioria das vezes, não há uma boa orientação sobre a posologia correta do fármaco, podendo levar a uma interação medicamentosa ou até mesmo intoxicação, pela quantidade de fármacos ingeridos em um curto período de tempo (OLIVEIRA et al, 2016).

Com o aumento do envelhecimento humano, está aumentando também os números de doenças crônicas e o aumento de idosos que se automedicam ou sofrem algum tipo de interação medicamentosa, isso ocorre pelo fato de que os idosos utilizam vários medicamentos de uma só vez (BORTOLON et al, 2007).

## **A importância do farmacêutico na interação medicamentosa**

O papel do profissional farmacêutico é de suma importância para a avaliação interação de medicamentos, até porque o farmacêutico é o profissional capacitado que vai prestar o serviço da assistência e também da atenção farmacêutica, impedindo que haja alguma interação, intoxicação ou que haja uma prescrição incorreta (OENNING, OLIVEIRA, BLATT, 2011).

Melo et al. (2017) em seu estudo verificou que os idosos consideram importante o serviço da atenção farmacêutica, porque eles têm a correta orientação dos medicamentos, porém, esse serviço ainda é bastante desconhecido por muitos.

Assim fica claro que “O farmacêutico, como profissional da saúde e prestador da assistência farmacêutica, tem papel fundamental na orientação e no aconselhamento do paciente, uma vez que a população utiliza a farmácia como primeira opção por cuidados médicos...” (ALM, 2016).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram utilizados vinte artigos relacionados ao tema, podendo-se identificar cada aspecto relacionado a automedicação em idosos. Cada autor em sua particularidade aborda o tema, informando os motivos que levam o idoso a realizar a prática da automedicação.

Na tabela 1 podem ser observados os artigos que foram selecionados e trabalhados nesse estudo.

**Tabela 1.** Descrição dos artigos selecionados para o estudo referente à automedicação em idosos.

ARTIGO	AUTORES	REVISTA	ANO
Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados.	ARRAIS, P. S. D. et al	Rev. Saúde Pública	2016
Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras.	BORTOLON, Paula Chagas et al.	Ciênc. saúde coletiva	2010
Uso Indiscriminado e Irracional de Antinflamatórios não Esteroidais (Aines) por Pacientes Idosos em uma Rede de Farmácias do Sudoeste da Bahia.	CARVALHO, Clodevan Silva; CARVALHO, Alana Soares; PORTELA, Fernanda Santos.	Id on Line Revista de Psicologia	2018
Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil: revisão sistemática	DOMINGUES, Paulo Henrique Faria et al.	Rev. Saúde Pública	2015
Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional.	DOMINGUES, Paulo Henrique Faria et al.	Epidemiol. Serv. Saúde	2017
Automedicação e adesão ao tratamento medicamentoso: avaliação dos participantes do programa Universidade do Envelhecer.	GARCIA, Antonio Leonardo de Freitas et al.	Rev. bras. geriatr. gerontol.	2018
Atenção, dispensação e prescrição farmacêuticas em homeopatia.	Israel ALM.	Biblioteca Virtual em	2016

		Saúde	
Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de Farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza-Ce.	LIMA, Daniely Mara et al.	Revista Expressão Católica Saúde	2018
Uso de medicamentos por idosos de uma instituição filantrópica no sertão central cearense e a importância da atenção farmacêutica.	MELO, Maria Mayalle de Almeida et al.	Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC)	2019
Automedicação em idosos de um programa saúde da família, Brasil.	MOUTINHO MONTEIRO, Sally Cristina; AZEVEDO, Luzimeire Santos de; PEREIRA BELFORT, Ilka Kassandra.	Infarma - Ciências Farmacêuticas	2014
Conhecimento dos pacientes sobre os medicamentos prescritos após consulta médica e dispensação.	OENNING, Diony; OLIVEIRA, Bruna Volpato de; BLATT, Carine Raquel.	Ciência & Saúde Coletiva	2011
Automedicação e prescrição farmacêutica: o conhecimento do perfil de utilização de medicamentos pela população geriátrica.	OLIVEIRA, Maria Josyanne Almeida de et al.	Unicatólica	2016
Profile of drugs used for self-medication by elderly attended at a referral center.	OLIVEIRA, Samanta Bárbara Vieira de et al.	Einstein (São Paulo)	2018
Self-medication among participants of an Open University of the Third Age and associated factors.	SANTOS, Adriana Nancy Medeiros dos; NOGUEIRA, Dulcinéia Rebecca Cappelletti; BORJA-OLIVEIRA, Caroline Ribeiro de.	Rev. bras. geriatr. gerontol.	2018
Automedicação em adultos de baixa Renda no município de São Paulo.	SCHMID, BIANCA; BERNAL, REGINA; SILVA, NILZA NUNES.	REV. SAÚDE PÚBLICA	2010

Fonte: Próprio autor. 2019

Arrais et al. (2016), verificaram a prevalência da automedicação em alguns países e apresentaram os seguintes dados: Alemanha, a prevalência do uso de medicamentos por

3222



automedicação foi de 27,7%; Portugal, correspondeu a 26,2%; Espanha, 12,7%; Cuba, 7,3%; Atenas-Grécia, 23,4%; Catalunha, na Espanha, 34,0% entre homens e 25,0% entre mulheres; Pondicherry-Índia, 11,9%. A prevalência de automedicação no Brasil foi de 16,1% sendo maior na região Nordeste 23,8%. Observou-se que a automedicação esteve associada ao sexo feminino, habitantes das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, e indivíduos que tiveram uma ou mais doenças crônicas. Analgésicos e relaxantes musculares foram os grupos terapêuticos mais utilizados para a automedicação, sendo a dipirona o fármaco mais consumido. Em geral, a maioria dos medicamentos utilizados para automedicação foi classificada como não prescritiva (65,5%).

Já Bortolon et al. (2010), avaliaram a automedicação de idosas atendidas no ambulatório de atenção ao Idoso do Hospital da Universidade Católica de Brasília. Ao total foram 218 pacientes entrevistadas, as quais foram investigadas as variáveis socioeconômicas que consistiram na faixa etária, escolaridade e renda familiar mensal, assim como as classes medicamentosas envolvidas em automedicação conforme prevalência, adequação à faixa etária e possíveis interações medicamentosas. Como resultado, identificaram que os idosos compõem o grupo etário mais medicalizado na sociedade, correspondendo a 26% do total. Dentre os medicamentos consumidos por automedicação destacam-se os anti-inflamatórios, analgésicos e antipiréticos. Entre as pacientes automedicadas, 65% apresentaram baixa escolaridade, enquanto 32% apresentaram renda menor ou igual a um salário mínimo. Foram também observadas interações medicamentosas potencialmente severas.

O estudo de Carvalho et al. (2018), analisaram pacientes entre 60 e 80 anos que faziam uso de algum anti-inflamatório não esteroidal (AINE), em uma rede de farmácias no sudoeste da Bahia, analisaram o impacto que o uso indiscriminado e irracional pode suscitar aos pacientes em questão. Dentro do referido, constatou-se que mais da metade da população idosa faz uso de algum AINE, os mais utilizados foram: diclofenaco (34%), seguido do diclofenaco com paracetamol (26%), dipirona (14%), nimesulida (10%), AAS (6%), ibuprofeno (6%), cetoprofeno (2%) e meloxicam (2%). 50% dos entrevistados buscam o medicamento como forma de alívio para dores de coluna ou cabeça e metade do total de indivíduos participantes pratica a automedicação. Nos resultados, verificou-se que dentre os idosos entrevistados 80% possuíam uma ou mais doenças crônicas, como Hipertensão, Diabetes, dislipidemia e osteoporose, e que apenas 20% dos idosos não apresentavam nenhuma patologia.

Domingues et al. (2015), teve como objetivo estimar a prevalência e investigar fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal. Foram entrevistadas 1.820 pessoas, das quais 646 usaram pelo menos um medicamento, a prevalência de automedicação foi de 14,9%.

A pesquisa de Garcia et al. (2018), trata-se de um estudo observacional com aplicação de questionários em dois grupos idosos e não idosos. Foi identificado que a prática da automedicação foi considerada irracional. Este é um dado importante, tendo em vista que a população da universidade é a maioria idosa, e que este grupo está mais vulnerável aos efeitos da automedicação. Ambos os grupos apresentaram baixa adesão ao tratamento com medicamentos de uso contínuo, o que conseqüentemente traz riscos à saúde. Os pesquisadores acreditam que este estudo reforce a importância da orientação de idosos e adultos para a automedicação, como também, a importância do tratamento medicamentoso contínuo. Dos entrevistados, 127 (59,1%) foram idosos (>60 anos), sendo 81,9% mulheres. Em relação à automedicação, 22,9% dos idosos e 21,7% dos não idosos a praticaram nos últimos sete dias. Entre estes, 45,8% dos idosos e 55,6% dos não idosos realizaram automedicação irracional dentro do período analisado. Tem-se que 76,4% dos idosos e 64,8% dos não idosos utilizavam medicamentos de uso contínuo.

Israel (2016) traçou o perfil do paciente que faz uso de homeopáticos, a maioria buscou a homeopatia através da indicação de familiares, amigos, colegas que tiveram uma experiência positiva com essa prática terapêutica e a recomendaram. Muitos entrevistados afirmaram repetir o medicamento em algum momento, sem o conhecimento do médico prescritor, e a quantidade utilizada foi elevada, mostrando que essa prática é muito comum e que pode ser segura se orientada por um farmacêutico.

No artigo de Melo et al. (2019), foi feito um estudo sobre o consumo de medicamentos por parte dos idosos que frequentam uma casa de acolhimento em Quixadá/CE. Os dados foram coletados por meio de um questionário com 14 idosos. Verificou-se que há maior consumo de medicamentos prescritos para tratar patologias como as anteriormente citadas, no caso anti-hipertensivos e hipoglicemiantes. Também foi identificado que não há farmacêuticos acompanhando estes idosos. Sendo de extrema importância esta orientação.

Moutinho et al. (2014), realizou um estudo do tipo transversal, com amostra simples realizada em uma Unidade de Estratégia de Saúde da Família de São Luís/MA. Foram entrevistados 100 idosos (63% do sexo feminino e 37% do sexo masculino), onde 72% referiram uso contínuo de pelo menos um medicamento, desses 33% informaram que só usam



medicamentos com prescrição e 67%, uso simultâneo de prescritos e não prescritos. Os medicamentos sem prescrição mais utilizados foram os analgésicos (46,15%) e os anti-inflamatórios (22,31%). A causa mais citada para a prática de automedicação foi a dor (65,26%), seguida da febre (16,26%) e gripe (7,37%). Portanto, a atenção farmacêutica deve ser considerada uma das prioridades no atendimento aos idosos, com a intenção de garantir a segurança para estes idosos e o uso racional de medicamentos.

A pesquisa de Oenning et al. (2011) foi realizada em uma unidade básica de saúde, tiveram 111 participantes onde 70 foram entrevistados após uma consulta médica e outros 41 após a dispensação do medicamento. Depois da consulta 28,5% foram classificados com bom conhecimento, 17,1% regular, 64,4% insuficiente. A maioria dos entrevistados não possui bom nível de informação em administração dos medicamentos, e a minoria tem uma boa escolaridade, os resultados foram melhores após a dispensação do que após a consulta médica, o que sugere a importância do farmacêutico na orientação.

Os resultados obtidos na pesquisa de Oliveira et al. (2016), de um total de 170 idosos entrevistados, 85,9% eram mulheres e deste total 80,5% praticavam a automedicação. Os medicamentos mais utilizados foram: relaxantes musculares de ação central, analgésicos e antipiréticos, além dos anti-inflamatórios e antirreumáticos não esteroidais. Entre os idosos que praticaram a automedicação 55,5% utilizaram medicamentos inapropriados para a idade, 56,9% utilizaram medicamentos que apresentavam duplicidade terapêutica com os medicamentos prescritos. Dos 57 medicamentos utilizados por automedicação, 30 (52,6%) foram classificados como isentos de prescrição e 27 (47,4%) como de venda sob prescrição médica. Ainda, 68,6% dos idosos apresentaram pelo menos uma interação envolvendo medicamentos prescritos e utilizados por automedicação.

Na pesquisa feita por Santos et al. (2018), os dados coletados apresentaram os seguintes resultados: maioria do sexo feminino (75,4%), o qual possuía plano de saúde (63%) e praticava a automedicação (59,4%). As classes terapêuticas mais referidas foram analgésicos (31,9%), relaxantes musculares (13,8%), anti-inflamatórios (13,0%) e anti-histamínicos de primeira geração (7,2%). Os sintomas tratados com automedicação mais referidos foram dores musculares e articulares (21,0%), cefaleia (10,1%), gripes e resfriados (8,7%). Os motivos da automedicação mais referidos foram a experiência anterior com o uso do medicamento e a certeza de que o mesmo é seguro. Entretanto, os idosos os consideram seguros e desconhecem os riscos aos que os mesmos os expõem. Possivelmente, também

desconhecem que a dor tratada com automedicação pode estar relacionada às doenças pré-existentes, que requerem tratamento profissional e adequado.

Para Schmid et al. (2010), o acesso gratuito aos medicamentos mostrou-se fator de proteção para a automedicação. A distribuição de medicamentos e o atendimento adequado devem ser considerados para orientação e redução dos riscos que o uso irracional de medicamentos pode gerar à saúde. Em sua pesquisa identificou-se a proporção de automedicação entre 27% a 32%. A automedicação esteve fortemente associada à morbidade aguda e ao acesso facilitado do medicamento. Os medicamentos que atuam no sistema nervoso central foram os mais utilizados por automedicação.

Em todos os artigos, os autores apontam que os idosos praticam a polifarmacoterapia, os quais necessitam de uma melhor assistência do profissional farmacêutico, uma vez que esta combinação de medicamentos pode ser benéfica, caso o idoso seja orientado da forma correta a utilizar cada terapia, minimizando os riscos à saúde deste grupo, no entanto, se feita de forma incorreta, a associação pode gerar graves danos à saúde através de interações medicamentosas, problemas relacionados ao medicamento, além de ineficiência terapêutica ou intoxicação potencial.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com a análise deste estudo, é notável que embora a automedicação seja mais susceptível aos idosos pelo decorrer de sua vida, o envelhecimento trás malefícios à saúde e fragilidade ao indivíduo. Nos artigos estudados percebeu-se a alta prevalência de automedicação por este público, bem como, as mulheres são os principais alvos nesse contexto. Alguns desses, reconhecem a importância do farmacêutico na orientação à automedicação, ainda, percebeu-se que o idoso sai com melhor clareza após a dispensação do medicamento do que após uma consulta médica, o que se dá devido ação do profissional farmacêutico.

Pode-se perceber que a automedicação deu-se na maioria por medicamentos sob prescrição médica, e isso decorre muitas vezes da falta de conhecimento e indicação de terceiros. De acordo com a lei vigente de nº13.021/2014 deixa claro que a automedicação racional é um marco e um avanço para a saúde da população, relevante na vida do idoso que é o futuro de todo cidadão (SILVA, LYRA JÚNIOR, 2017).

## **REFERÊNCIAS**

ARRAIS, P. S. D. et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. Rev. Saúde Pública, v. 50, n. suppl2, p. -, 2016. Disponível em:  
<<https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/126597/123597>>

BORTOLON, Paula Chagas et al. Análise do perfil de automedicação em mulheres idosas brasileiras. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 4, p. 1219-1226, Aug. 2008. Available from  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000400018&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000400018&lng=en&nrm=iso)>. access on 24 May 2019.  
<<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232008000400018>>.

CARVALHO, Clodevan Silva; CARVALHO, Alana Soares; PORTELA, Fernanda Santos. Uso Indiscriminado e Irracional de Antinflamatórios não Esteroidais (Aines) por Pacientes Idosos em uma Rede de Farmácias do Sudoeste da Bahia. Id on Line Revista de Psicologia, v. 12, n. 40, p. 1051-1064, 2018.

DOMINGUES, Paulo Henrique Faria et al. Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil: revisão sistemática. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 49, 36, 2015. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102015000100403&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102015000100403&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 22 maio 2019.  
<<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-8910.2015049005709>>

DOMINGUES, Paulo Henrique Faria et al. Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 319-330, June 2017. Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2237-96222017000200319&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-96222017000200319&lng=en&nrm=iso)>. access on 21 May 2019.  
<<http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742017000200009>>

GARCIA, Antonio Leonardo de Freitas et al. **Automedicação e adesão ao tratamento medicamentoso: avaliação dos participantes do programa Universidade do Envelhecer**. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/pdf/rbpg/v21n6/pt\\_1809-9823-rbpg-21-06-00691.pdf?fbclid=IwAR1QeurCCHgCfOemzwH9MLhbdTCVohVdzTik\\_6IDqLnTynlW\\_GTB2gxf90c](http://www.scielo.br/pdf/rbpg/v21n6/pt_1809-9823-rbpg-21-06-00691.pdf?fbclid=IwAR1QeurCCHgCfOemzwH9MLhbdTCVohVdzTik_6IDqLnTynlW_GTB2gxf90c)>. Acesso em: 16 maio 2019.

Israel ALM. Atenção, dispensação e prescrição farmacêuticas em homeopatia. Biblioteca Virtual em Saúde [internet]. São Paulo: 2016. [acesso em 2018 mar 28]. Disponível em: <<http://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/hom-11136>>

LIMA, Daniely Mara et al. Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de Farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza-Ce. Revista Expressão Católica Saúde, v. 2, n. 1, p. 17-22, 2018

MELO, Maria Mayalle de Almeida et al. USO DE MEDICAMENTOS POR IDOSOS DE UMA INSTITUIÇÃO FILANTRÓPICA NO SERTÃO CENTRAL CEARENSE E A IMPORTÂNCIA DA ATENÇÃO FARMACÊUTICA. **Encontro de Extensão, Docência e Iniciação Científica (EEDIC)**, [S.l.], v. 4, n. 1, feb. 2019. ISSN 2446-6042. Disponível em:

<<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/eedic/article/view/2675/2261>>. Acesso em: 25 May. 2019

MOUTINHO MONTEIRO, Sally Cristina; AZEVEDO, Luzimeire Santos de; PEREIRA BELFORT, Ilka Kassandra. AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS DE UM PROGRAMA SAÚDE DA FAMÍLIA, BRASIL. **Infarma - Ciências Farmacêuticas**, [S.l.], v. 26, n. 2, p. 90-95, june 2014. ISSN 2318-9312. Disponível em:

<<http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=579>>. Acesso em: 22 may 2019. doi: <<http://dx.doi.org/10.14450/2318-9312.v26.e2.a2014.pp90-95>>

OENNING, Diony; OLIVEIRA, Bruna Volpato de; BLATT, Carine Raquel. Conhecimento dos pacientes sobre os medicamentos prescritos após consulta médica e dispensação. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 3277-3283, 2011.

OLIVEIRA, Maria Josyanne Almeida de et al. AUTOMEDICAÇÃO E PRESCRIÇÃO FARMACÊUTICA: O CONHECIMENTO DO PERFIL DE UTILIZAÇÃO DE MEDICAMENTOS PELA POPULAÇÃO GERIÁTRICA. 2016. Disponível em:

<<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mostracientificafarmacia/article/view/1221>>. Acesso em: 11 abr. 2019.

OLIVEIRA, Samanta Bárbara Vieira de et al . Profile of drugs used for self-medication by elderly attended at a referral center. **Einstein (São Paulo)**, São Paulo , v. 16, n. 4, eAO4372, 2018 . Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-45082018000400212&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-45082018000400212&lng=en&nrm=iso)>. access on 22 May 2019. Epub Nov 29, 2018. <[http://dx.doi.org/10.31744/einstein\\_journal/2018ao4372](http://dx.doi.org/10.31744/einstein_journal/2018ao4372)>

SANTOS, Adriana Nancy Medeiros dos; NOGUEIRA, Dulcinéia Rebecca Cappelletti; BORJA-OLIVEIRA, Caroline Ribeiro de. Self-medication among participants of an Open University of the Third Age and associated factors. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro , v. 21, n. 4, p. 419-427, Aug. 2018 . Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-98232018000400419&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232018000400419&lng=en&nrm=iso)>. access on 22 May 2019. <<http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562018021.170204>>

SCHMID, Bianca; BERNAL, Regina; SILVA, Nilza Nunes. Automedicação em adultos de baixa renda no município de São Paulo. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 6, p. 1039-1045, Dec. 2010 . Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102010000600008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000600008&lng=en&nrm=iso)>. access on 22 May 2019. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102010000600008>>

SILVA, Wellington Barros da; LYRA JUNIOR, Divaldo Pereira de. Legislação farmacêutica. 2017.